

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

RENAN BARBOSA GOMIDES

A PROFESSORA E A SINDICALISTA: deslizamento de posições sujeitos

**Pontes e Lacerda
2014**

RENAN BARBOSA GOMIDES

A PROFESSORA E A SINDICALISTA: deslizamento de posições sujeitos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Professora Mestre Thalita Sampaio, como requisito parcial para avaliação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

**Pontes e Lacerda
2014**

BANCA EXAMINADORA

Professora Mestre Thalita Sampaio
Orientadora

Professora Doutora Eliana de Almeida
Examinadora

Professor Mestre Rogério Martins
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre é tão difícil, são tantas pessoas que poderiam estar aqui. Mas aterei em agradecer aqueles que realmente estão próximos a mim e que, sem dúvidas me ajudaram para a conclusão da minha graduação.

Deus

Pai poderoso que me deu forças perante aos pensamentos ruins de derrota, e sempre me deu ânimo para nunca desistir e vencer mais esta etapa na minha vida.

Mãe

Maria das Dores Barbosa Gomides: Nobre rainha. A mais alta de todas. A melhor. Aquela que seria capaz de mover montanhas para ver meu bem. A Minha felicidade! Ela mais do que ninguém quer ver o dia em que levantarei meu canudo, o meu certificado de graduação para cima. Minha mãe, sempre lutou que dar educação de qualidade para os filhos. Mesmo vindo de família humilde, pobre, sempre quis que seus filhos estudassem o máximo que pudessem para nunca passar por todas as dificuldades que ela passou. Como ela mesma diz: “Quero que meus filhos estudem para não serem burros iguais a mim”. Minha mãe = meu tudo.

Pai

Luiz Eleotério Gomides: Sempre um guerreiro. Preocupa-se sempre comigo e vive mandado recadinhos (rs) seja pela minha mãe ou irmãs. Muita Admiração!

Irmãs

Ah, que admiração. Elas são lindas e sempre quiseram meu bem. Amo minhas irmãs Regiane Barbosa Gomides e Reginéia Barbosa Gomides.

Amigos (as)

Elton Moraes, Gheany Leal, Lillyan Frez e Maiara Lemos: Mais do que amigos, acho que deveria colocar no tópico de irmãos. Sempre especiais, companheiros. Ah, sem palavras para dizer de vocês. Meus tesourinhos. Aqueles dizeres: “É que... Mas é que, aah...” (rs) (Elton), “Se ame mais.” (Gheany ou Gi), “Será que eu dou conta?”

(Lillyan ou Lila), “Oxe minino” (Maiara, ou Mai, ou Baiana). Pessoas que me acompanharam durante toda a graduação, praticamente. Agradeço ainda Adrianão, Mirtão e Nandarão pelas tantas risadas durante o processo. Várias outras pessoas posso considerar também, vários, e agradeço imensamente a todos.

Henrique

Alguém especial que sempre me mandava estudar. Foram vários ‘toma vergonha e vai estudar, vai terminar seu negócio’. Hoje agradeço! Pessoa mais que especial. Admiração eterna.

Professores

Poderia colocar um por um, teria o que falar de quase todos. Mas aterei apenas agradecendo a todos, pelo amplo conhecimento repassado. Podem ter certeza, os momentos na sala onde eu estava garanto que não foram em vão. Em especial agradeço a Madalena Machado, que sabia a grande dificuldade que eu tinha em Teoria Literária, motivo de várias reprovações, e sempre tentou ajudar o máximo que pode. E de uma coisa eu não esqueço: “O autor não falou nada.”.

Orientadora

Thalita Sampaio: Que difícil falar agora. Foi algo tão natural e que deu tão certo. As orientações aconteceram de forma muito sistêmica e tranquila. Agradeço muito pelos conhecimentos repassados e pela paciência com a minha agonia e medo de não conseguir escrever a tempo. As vezes batia um medo por ser um dos primeiros orientandos, mas acreditei na sua inteligência e no seu grande conhecimento, que é explícito. Muito Obrigado.

*Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus pelas forças dadas.
Logo, para minha Avó materna Helena de Moraes Ferreira, que já não está mais
entre nós, mas que tanto torcia pelo meu sucesso, além de gostar tanto de mim.
Helena de Moraes Ferreira sempre estarem meu coração. Pena que se foi tão cedo!
Por fim, dedico a minha mãe: Pessoa amável, dócil, meu maior tesouro, minha
rainha. Amo demais!*

Sumário

INTRODUÇÃO	17
1 CAPÍTULO I.....	19
1.1 A FORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO: contexto e historicidade.....	19
1.2 O SUJEITO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO	22
1.3 A IDEOLOGIA E O DISCURSO	23
1.4 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA	26
2 CAPÍTULO II.....	28
2.1 POSIÇÕES SUJEITO: um deslizamento	28
2.2 A HISTÓRIA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO.....	30
2.3 FORMAÇÃO HISTÓRICA DO OBJETO: contextualização e constituição ...	31
3 CAPÍTULO III.....	34
3.1 SUJEITOS PROFESSOR E SINDICALISTA: um deslizamento	34
4 CAPÍTULO IV	40
4.1 CONCLUSÃO	40
5 REFERÊNCIA.....	41

RESUMO

Este trabalho é fruto de inquietações que surgiram após a apresentação de um seminário ainda no segundo ano de graduação. A materialidade de linguagem que causou esta inquietação foi um vídeo veiculado na internet e que fala sobre a educação e mais propriamente sobre os percalços da vida de uma professora (em determinada região). O depoimento aconteceu durante uma audiência pública que discutia a educação realizada na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte em 2010.

Este trabalho se alicerça nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, que tem como principais estudiosos Michel Pêcheux e Eni Orlandi e a luz desta teoria analisaremos discursivamente as preleções da professora Amanda Gurgel tendo em vista que o discurso opera por um movimento próprio e é caracterizado por um já dado, por um pré-construído, pertinente a um contexto histórico.

Os principais conceitos teóricos que mobilizarão a nossa análise são os de memória discursiva, formação discursiva e a posição sujeito, tendo em vista que o sujeito é histórico, social e heterogêneo. Para começarmos é importante lembrar que o sujeito para a Análise de Discurso é um ser fundamentalmente de linguagem, que se forma de acordo com o espaço e, ainda, é atravessado por uma ideologia. Nossos estudos vão mostrar como se dá o deslizamento do indivíduo à posição sujeito a partir de sua formulação/intradiscurso, no acontecimento discursivo.

ABSTRACT

This research is the result of concerns that arose after the presentation of a seminar when I still was in the second year of graduation. Therefore, the discursive materiality that caused this concern was a video posted on internet that say about the education, in other words, the video shows the obstacles in the life of a teacher. The speech was made by the teacher Amanda Gurgel and happened during a public audience in Rio Grande do Norte in 2010.

In theory, this work is based in the Discourse Analysis, theoretically in the Michael Pêcheux and Eni Orlandi, giving more focus in the discourse of Amanda Gurgel, the discourse operate by itself and is characterized by some prebuilt, relevant historical context.

The main concepts that will mobilize our analysis are: the discursive memory, discursive formation and the position of the subject, given that, this is historic, social and heterogeneous. We should remember that the subject in the Discourse Analysis is totally social, and will be formed in according with the space and ideologies. Our researchs will shows how the changing's position of subject is formed in according of your formulation/intradiscourse in the happening of discourse.

INTRODUÇÃO

Pretendemos neste trabalho analisar o vídeo de uma professora que discursa na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte durante uma Audiência Pública sobre a situação da Educação naquele estado. Do vídeo, recortamos o nosso material de pesquisa que será, especificadamente, a parte em que a professora Amanda Gurgel usa a tribuna para expor as mazelas do setor educacional daquela unidade federativa.

Buscaremos compreender, com foco específico, quais as posições sujeito a professora Amanda Gurgel ocupa ao enunciar no acontecimento da audiência. Esses deslizamentos do sujeito serão o nosso foco neste trabalho.

No capítulo, intitulado ‘A formação e identificação da análise do discurso: contexto e historicidade’, faremos uma viagem pela teoria, em relação às suas principais noções. Mostraremos como se formou esta teoria e os principais pensadores da Análise do Discurso. Veremos as várias fases que a AD teve em sua constituição até chegar aos dias de hoje. Nesta primeira parte do nosso trabalho, teremos uma ampla visão da formação da AD que teve seu ápice por volta de 1960.

O nosso estudo também trará conceitos sobre vários assuntos da Análise do Discurso. Com base na teoria de Orlandi destacamos os seguintes:

- Sujeito: “o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras”. (2001, p. 49);
- Ideologia: “se caracteriza assim pela fixação do conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade linguagem e da história”. (2008, p. 22);
- Discurso: “um efeito de sentido entre interlocutores” (2008, p. 693).

Na segunda parte/capítulo deste trabalho, passaremos a analisar o deslizamento dos sujeitos (professora e sindicalista). Em primeiro momento, nesta parte, faremos um panorama do contexto histórico do nosso material, em específico o nosso objeto de pesquisa. Veremos também a importância da noção de história para a Análise do Discurso e de como a história é usada para o estudo dos objetos de pesquisa. Neste trecho, colocaremos em questão as faces do sujeito professor e do sujeito

sindicalista que se apresentam na professora Amanda Gurgel.

Por fim, em ultima instância do nosso trabalho, faremos a parte que colocaremos em cheque toda nossa pesquisa, a análise, propriamente dita. Faremos um comparativo da teoria com o vídeo e apontaremos onde e como ela funciona no nosso objeto de pesquisa.

1 CAPÍTULO I

1.1 A FORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO: contexto e historicidade.

Neste primeiro capítulo é interessante compreendermos melhor o que é, de fato, e como se originou a Análise do Discurso (AD). Além de vermos os principais conceitos que regem esta linha de pesquisa. Para tanto, destacaremos umas das estudiosas que se destacam no âmbito da AD no Brasil: Orlandi. Segundo a autora (1999), citada por Mendes e Silva (2005), o estudo do discurso já existe há vários séculos por diferentes estudiosos. No século XIX estudos foram realizados por M. Bréal.

Já no século XX, aponta os estudos dos formalistas russos, nos anos 20 e 30, como prenunciadores de uma análise diferente da tradicional na época, a análise de conteúdo, uma vez que já se perguntavam como o texto significa (da mesma forma que a Análise do Discurso) em vez de perguntarem o quê significa. (Mendes e Silva, 2005 p. 17).

Os estruturalistas estudavam apenas a estrutura do texto, importando somente com a estrutura do texto. Desta forma, havia uma desconsideração de sua exterioridade, algo que é fundamental para a AD na linha de pesquisa seguida por Orlandi e outros estudiosos.

Pêcheux foi o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso. Lá havia o estudo de como a linguagem se manifesta na ideologia e como a ideologia se materializa na linguagem. Para Pêcheux, a palavra nunca é uma só e sempre não tem o mesmo sentido, ela sempre terá uma relação de transferência, de metáfora. Contudo, o autor afirma que a palavra

[...] está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu contido para derivar para um outro. (PECHÊUX 1983, P.53)

Nesse sentido, para o estudo da AD é preciso ter em mente duas vertentes: o sujeito e o discurso. Daí parte uma série de ramificações e conceitos que logo mais especificaremos melhor. Mas, a priori podemos, grosso modo, dizer que o sujeito

não é a fonte única e absoluta do significado, pois ele necessita de outros sujeitos para se constituir, pois é através da linguagem, ou seja, a interação entre os locutores que o sujeito se constituiu. E, dessa forma, torna-se heterogêneo.

A ideologia tem uma de suas materializações na linguagem através das palavras quando o sujeito expressa sua ideia. Porque como afirma Pêcheux (1990, p.18) “o discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva.”

A AD segue uma forte influência do estruturalismo e ainda da gramática gerativa transformacional. Ela começa a aparecer em trabalhos de pesquisa e também em pesquisas que apareciam como verdadeira realizada. O ápice da Análise do Discurso concentra-se por volta de 1960, mais especificamente, no final desta década.

A AD concebe o processo discursivo como uma máquina fechada em si mesma, atribuindo-o a um sujeito-estrutura interpelado pela ideologia. Como afirma Brito (2012)

Essa exploração metodológica da maquinaria discursiva (associada à concepção do sujeito assujeitado pela estrutura) está subordinada ao primado do mesmo, isto é, a uma perspectiva de homogeneidade enunciativa. Sendo assim, o outro como alteridade discursiva empírica, reduzido ao mesmo, é o “fundamento combinatório da identidade de um mesmo processo discursivo” (PÊCHEUX, 2001b, p.313). Enquanto alteridade estrutural, o outro é simplesmente uma diferença entre máquinas discursivas fechadas em si mesmas, ou seja, o outro é uma diferença entre mesmos. Há, no entanto, um maior silenciamento do outro, o que permite uma maior estabilização dos processos discursivos. (BRITO 2012, p. 547)

Nesta primeira fase não se tem, exatamente um estudo aprofundado sobre as questões enunciativas da língua e do sujeito. Por outro lado notamos que há questões positivas e alguns levantamentos que precisam ser ressaltados e que mostram a sua importância para os estudos discursivos.

Após a metade da década de 70, ou seja, depois de 1975 a Análise do Discurso entra para uma nova fase. A AD faz uma mudança e se reconfigura devido

às transformações políticas e as alterações teóricas que acontecem na França. A partir daí, a Análise do Discurso entra para sua segunda fase.

Originalmente iniciada em 1975, a segunda fase da Análise do Discurso, ou a AD 02, não teve muitas mudanças, como afirma Pêcheux, citado por Brito (2012). Segundo o autor, essa nova fase teve poucas inovações do ponto de vista teórico.

Porém, elas conduzem cada vez mais a uma implosão da noção de maquinaria discursiva estrutural fechada em si, uma vez que as noções de formação discursiva, interdiscurso e pré-construído insistem direta ou indiretamente na alteridade no interior da identidade discursiva; no primado do outro sobre o mesmo; na dispersão sobre unidade; na heterogeneidade enunciativa sobre a homogeneidade enunciativa. (BRITO 2012, p. 554)

Em outras palavras essa segunda parte é aquela que delimita o que se pode e, muitas vezes, o que se deve ser dito por um sujeito em determinado lugar. A Formação Discursiva, também chamada de FD anuncia aqui o conceito de heterogeneidade, ou seja, certa formação discursiva influenciada por outras FDs.

A terceira fase vem logo em seguida e nesta etapa a Análise do Discurso ganha a certeza de que linguagem é heterogênea e a noção de interdiscurso é realçada. Aqui, também, acontece uma reorganização da AD, o projeto teórico e político é reorientado e assim há uma mudança na maneira de se pensar a produção de sentido e o modo de se proceder na análise dos discursos.

Como afirma Orlandi (2001), “um dos pontos fortes da Análise do Discurso é resinificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem”, e assim, e é através dessa ressignificação, e do discurso, que encaminharemos, também, este trabalho. Uma coisa é certa, e como o próprio nome já diz, a análise do discurso exige muita análise dos fatos de linguagem.

A análise do discurso, contudo, visa compreender como os objetos simbólicos fazem sentidos em um contexto. Orlandi (2001, pág. 26) afirma que a AD “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.” Por outro lado, a análise do discurso “não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”.

1.2 O SUJEITO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

A palavra sujeito como apresenta em dicionários de Língua Portuguesa recebe classificação como dependente, submisso, subordinado, obediente, dócil, escravizado, cativo, dominado. O dicionário Aulete Digital, disponível em uma versão OnLine, consultado em 26 de Maio de 2014, dá os seguintes exemplos: “Dependente de algo ou alguém: competição sujeita às condições climáticas.” e “Que está naturalmente disposto, inclinado ou habituado a alguma coisa: sujeito à melancolia.”

Percebemos, desse modo, que há uma forte ligação entre o sujeito e uma necessidade de algo ou alguém para norteá-lo. Antigamente, outro exemplo, existia a submissão aos discursos religiosos, em outras épocas, aos senhores feudais, havia ainda a submissão da mulher perante o homem. Na atualidade, o sujeito ainda é submisso, porém de outras formas. Hoje ele é submisso às Leis do Estado.

Para a Análise do Discurso “o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras”, como explica Orlandi (2001, p. 49). A autora, citando Foucault (1969) afirma que “Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz”. Ainda segundo Orlandi, a posição que deve e a que pode ocupar é fundamental para identificar o sujeito. Ela cita como exemplo a posição de uma mãe.

Quando falo a partir da posição “mãe”, por exemplo, o que digo deriva seu sentido, em relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição. Quando, ao abrir a porta para um filho altas horas da madrugada, a mãe fala “isso são horas?” ela está, na posição-mãe, falando como as mães falam. Exatamente. Podemos até dizer que não é a mãe falando, é sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso a significa. Isso lhe dá identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo na posição de professora, de atriz, etc. (ORLANDI 2001, p. 49)

E é nesse sentido que nosso trabalho discorrerá. No trecho de análise do corpus, observaremos que a posição do sujeito será imprescindível para a formação do objeto de pesquisa. Por outro lado, a mesma Análise do Discurso afirma que o sujeito é ao mesmo tempo livre e submisso. Orlandi (2001) diz que o sujeito

[...] é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI 2001, p. 50)

É importante lembrar que, como afirma a Análise do Discurso, só somos sujeito através da ideologia. Orlandi (2001) diz que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”.

1.3 A IDEOLOGIA E O DISCURSO

Partindo do pressuposto da Análise do Discurso, ORLANDI (2008, p. 69), o discurso é “um efeito de sentido entre interlocutores”. E o discurso com um conjunto de articulações da língua com a história, faz com que o enunciado venha com uma carga de sentidos, pois só através dessa dicotomia que é possível a conjuntura de sentidos no discurso. ORLANDI (1999, p. 17) também afirma que “partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua; trabalha-se com a relação entre língua, discurso e ideologia”. Portanto é crucial entendermos que o discurso só se manifesta com relação histórica e ideológica por meio da linguagem.

Uma questão importante sobre a ideologia deve ser apontada agora, pois segundo ORLANDI (2001, p.46) “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.”.

Para uma definição exata do que é Ideologia, ORLANDI (2008, p.22) afirma que a ideologia “se caracteriza assim pela fixação do conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade linguagem e da história”. Desse modo, podemos afirmar que a linguagem apresenta-se com uma ilusão de transparência, isto porque a memória, ou histórico das palavras e conceitos não aparece, não é apresentado. Assim, observamos que quando notamos certos sentidos e outros não é a ideologia que está em funcionamento.

Podemos dizer que ideologia se modifica pelos grupos da sociedade. Por exemplo, certo grupo, fala, pensa, age, de forma diferente de outros. E é aí que se

forma a ideologia, e como sabemos, existem vários grupos de sociedade e consequentemente várias ideologias estão em funcionamento e assim, uma andando em paralelo a outras.

Com base em estudiosos como Pechêux e Orlandi, fica fácil dizer que a ideologia varia de acordo com os grupos da sociedade e que a linguagem é, sim, determinada pela ideologia. Como veremos no capítulo dois deste texto, a ideologia que interpela o sujeito do nosso objeto, é que vai determinar os efeitos de sentidos produzidos.

Nesse sentido, Pêcheux (1990) denomina, ainda, que todos os indivíduos são contaminadas pela "formação ideológica" ou também pelas "condições de produção do discurso". Isto é, cada indivíduo estará tomado por uma realidade em qualquer lugar que esteja, e sua linguagem será a materialização daquilo que convive, ou mesmo daquilo que observa. Para Orlandi (2001), as condições de produção correspondem ao sujeito, à situação e também à memória.

Em outras palavras podemos dizer que as condições de produção estão ligadas ao momento da enunciação, e desse modo ao contexto imediato. Nesse sentido, tudo tem uma relação com contexto sócio histórico e ideológico. Daí podemos correlacionar com o que Orlandi (2001, p. 31) cita “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.” É através do interdiscurso, ou memória discursiva, que as palavras que dizemos fazem sentido, isso porque, as palavras geram um sentido que vem de termos citado anteriormente, independente de tempo, e que ainda estão salvos em nossa memória e identificamos o sentido toda vez que é enunciado.

Contudo, observamos que os discursos não são independentes, eles precisam ser, de certo modo, feitos a partir dos outros enunciados já formados e ditos. Conforme afirma PÊCHEUX (1999),

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompem, mas de sublinhar que, só por sua excelência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação –estruturação dessas redes e trajetos : todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação na medida em que ele se constitui ao

mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho mais menos conscientes. (PÊCHEUX, 1999, p. 56)

De certo modo, se resume em a maneira de falar ou se comportar de um sujeito em determinado espaço, ou ainda, essa maneira imposta pela sociedade onde cada pessoa é composta por uma ideologia e cada uma tem uma formação discursiva diferente.

Alguns exemplos dessa formação discursiva em meios diferentes são no meio jornalístico se dobra atenção em períodos eleitorais para que não seja cometida nenhuma irregularidade perante a justiça eleitoral. Dessa forma, é importante ter claro que esse sistema de discurso compreende na produção de sentidos, e por outro lado, a língua é o lugar material onde se concretizam os sentidos.

O conceito de discurso construído por Michael Pechêux foi originado a partir de outros conceitos que já existiam na Linguística. Esse processo de construção e estudo de novos conceitos se iniciou ainda em 1960 e os primeiros estudos foram divulgados em artigos publicados ainda na mesma década.

Em seus estudos na área da Análise do Discurso Pechêux (1990) destaca que

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (Pêcheux, 1990, p.18).

Orlandi (1996) por sua vez garante que

O discursivo pode ser definido como um processo social cuja especificidade está no tipo de materialidade de sua base, a materialidade lingüística, já que *a língua constitui o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido*. Daí decorre que a forma da interpretação - leia-se: da relação dos sujeitos com os sentidos - historicamente modalizada pela formação social em que se dá, e ideologicamente constituída. (p. 146 - 147)

Esta “interpretação” de Orlandi reforça a teoria da existência de um processo de formação de sentidos através dos sujeitos interpelados pela linguagem.

1.4 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

Sabemos, como afirma Orlandi (2001), que “todo dizer é ideologicamente marcado.” Dessa forma, descobrimos que “é na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.” Mas para que todo esse processo se concretize, para que haja uma ideologia, e que o sujeito se pronuncie, antes de tudo vem as formações ideológicas e discursivas. Isto é, as condições de produção que cercam cada sujeito.

De acordo com Orlandi (2001), as “condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores.” Um desses fatores citados pela autora, por exemplo, é fato de um discurso sempre originar-se de outro. Ela afirma que “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros.” Dessa forma, não há um início, nem um meio, e muito menos um fim para o discurso e, assim todos os dizeres, todos os discursos, um irá puxar o outro. Todo discurso terá um relação direta ou indireta com outros dizeres.

O sujeito (ORLANDI 2001, p. 39) “tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras”. Dessa forma o sujeito vai ir para o lugar em que seu interlocutor está na tentativa de ‘degustar’ como o seu discurso será recebido na tentativa de saber quais serão os efeitos de sentidos produzidos. “Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” Isto é “esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor.”.

Finalmente, temos a chamada relação de forças. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras tem uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares,

que se fazer valer na 'comunicação'. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI 2001, p. 39-40)

A formação discursiva, como posto por Orlandi, “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócia histórica dada - determina o que pode e deve ser dito.”.

2 CAPÍTULO II

2.1 POSIÇÕES SUJEITO: um deslizamento

A partir de um vídeo famoso no Brasil, em circulação no âmbito da educação, colocamos em questão as preleções da Professora Amanda Gurgel. A docente usou a tribuna da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte para se posicionar em relação à educação naquele estado, durante o acontecimento de uma audiência pública, cujo objetivo era o de discutir sobre a educação estadual.

O vídeo teve muita repercussão, principalmente na época do ocorrido. Isto devido à forma que a professora falou das condições de trabalho dos professores em relação à miséria do salário e das condições das salas de aula no Rio Grande do Norte, bem como em todo país. A partir do vídeo, propomo-nos a analisar o deslizamento da posição sujeito-professora para a posição sujeito-sindicalista, que luta pelos direitos da categoria.

Nesse sentido, discutiremos o lugar em que a professora está e a preleção a partir de uma dada ideologia. Entretanto, torna-se necessário pensarmos de quem parte o discurso, isto porque os discursos produzem sentidos de onde e também por quem pronuncia, e ainda o lugar do acontecimento discursivo. Desse modo, é importante fazermos uma pergunta: porque a professora, inconscientemente, empregou as palavras como foi formulado o discurso dito? A resposta não é muito difícil de perceber. Basta observarmos salário, condição social, estresse, vida no geral. O público a quem a professora se dirige, isto é, os políticos (quando digo *políticos* leia-se deputados e secretária de educação), determinam seu modo de dizer, pois a exterioridade faz a língua produzir sentidos.

Escolhemos a Análise do Discurso para conseguirmos responder nossas indagações e a escolha não é por acaso, a análise do discurso nos mostrará caminhos que levará a resposta da nossa pergunta. É importante destacar que a análise de discurso é diferente da simples análise de conteúdo, que segundo Orlandi “procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer?”. Por outro lado a AD “considera que a linguagem não é transparente [...] A questão que ela coloca é: como este texto significa?”. Nesse sentido, como se dá a mudança de sujeitos de professora para sindicalista?

A pesquisa em questão parte do ponto da “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI 2001, pág. 15), e é assim que compreenderemos a língua fazendo sentido na preleção da professora. Para nossa análise mobilizaremos as seguintes questões: Observaremos a formação ideológica da professora e organização do discurso, visto que “é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI 2001, pág. 38). Essa mesma ideologia é necessária para a constituição do sujeito e também dos sentidos do sujeito. Dessa forma, só nos tornamos sujeitos através do tripé língua-discurso-ideologia. Por outro lado veremos como há o deslizamento dos sujeitos.

Outro ponto importante para a nossa análise é pensar que o sujeito discursivo é pensado como posição. O lugar que o sujeito está interpelado pela sua ideologia formará o seu discurso. No caso do vídeo, a vida da professora e o que ela passa diariamente para sobreviver com o salário de profissional da educação lança uma ideologia histórica na formação do seu discurso.

“Submetendo o sujeito, mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade. Na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito.” (ORLANDI 2001, pág. 51)

Todavia, a maneira que o sujeito fala varia do local que ele está inserido. É assim que acontece. Isto, segundo Orlandi (2001) trata-se de relação de forças. Pela Análise de Discurso quando falamos o lugar onde o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. “Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente da que se falasse do lugar de aluno”. No vídeo, a preleção da professora e a maneira que ela vai elaborando os dizeres a partir de sua formação ideológica determinam os sentidos e materializam os dizeres de toda uma classe

A posição tomada pela professora para expor a atual situação da educação do Rio Grande do Norte é a de professora, mas ao mesmo tempo de sindicalista, para isto ela assume uma posição ideológica através de um processo sócio histórico como afirma Orlandi. Segundo a autora, as palavras são construídas a partir de uma posição do sujeito, e assim, essas palavras podem mudar os sentidos conforme o

sujeito locutor e a maneira que elas são empregadas.

É importante ressaltar que a falta de simetria na relação entre os homens e a falta de regularidade entre os lugares que ocupamos reflete no discurso que produzimos. Seja num discurso falado ou em escritos, o que realmente direciona não é a relação entre o sujeito e o tema do discurso. Se o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, a tensão constituinte da relação entre estes interlocutores não é estranha aos sentidos aí produzidos. Vale ressaltar que as condições de produção incluem aspectos ideológicos e contexto sócio histórico. É como dissemos anteriormente, se o sujeito fala da posição de professor, o seu discurso será incorporado com as especificidades da categoria. E são esses conceitos que irão nortear e mobilizar a nossa análise.

2.2 A HISTÓRIA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

Neste trecho partimos para um olhar mais direcionado ao lugar do nosso objeto de análise. Para tanto é necessário nos atentarmos, a priori, o porquê a Análise do Discurso, a de linha Francesa, principalmente, estuda a história.

A Análise do Discurso tem, sim, uma forte ligação com a história. Aliás, necessita dela para prosseguir com cada análise de objeto de estudo. Para tentar compreender o motivo de tal aproximação voltemos para Pêcheux (1999) que afirma que

[...] juntar e interpretar séries textuais em que se inscrevem discursivamente as figuras da infância, da loucura, da morte ou da sexualidade, próprias a esta ou aquela época, supunha abandonar as certezas associadas ao enunciado documental. (p. 08).

Isso é a história, essas 'séries', como diz Pêcheux, tornam-se fundamentais para a significação e a produção de sentidos na análise do discurso. Pêcheux usa, em partes, algumas fundamentações teóricas de Michael Foucault principalmente acerca do contexto epistemológico da AD e também a respeito da contribuição e influência de Foucault para a teoria da análise do discurso.

[...] a necessidade de levar em conta, na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leitura desenvolvidas nos

trabalhos de M. Foucault constituiu um dos signos recentes dos mais claros da projeção da análise de discurso: a construção teórica da intertextualidade e, de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como um dos pontos cruciais desse empreendimento, conduzindo a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais “legitimados” um privilégio que se mostra cada vez mais contestável (PÊCHEUX, 1999, p. 09).

Orlandi (2005) afirma que a história tem um papel fundamental para a Análise do Discurso, pois para existência e significação dos sujeitos e dos sentidos é necessária a materialização da história através da linguagem.

Portanto, qualquer fato ou ato que aconteça torna-se imprescindível a participação da história para preencher de sentidos. Como afirma Paul Henry (1997, p 51/52) citado por Martins (2013) “não há fato ou evento histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas ou consequências.”. Porém, a história para se significar exige a presença de outras histórias.

Para nós a história não é transparente e sua relação com o real não está dada a priori, mas é construída simbolicamente no discurso a partir do atravessamento material da ideologia. Sendo assim, nessa injunção história/sujeito/linguagem e ideologia própria da ordem simbólica, interessa-nos compreender como os fatos históricos produzem sentidos. (MARTINS 2013, p. 23)

Nesse sentido, observamos a importância da história para uma formação ideológica e ao mesmo tempo para a produção de sentidos através de um objeto de análise. Através dela tudo se significa e passa a ter sentidos reais.

2.3 FORMAÇÃO HISTÓRICA DO OBJETO: contextualização e constituição

Como afirma Orlandi (2014) enquanto seres humanos somos seres históricos, simbólicos e sociais. Ao considerar o sujeito, o sentido, e a historicidade é necessário um olhar crítico para o processo de identidade, assim como pelo modo como os sentidos são constituídos. Porém, para isto torna-se necessário compreender alguns pontos, como por exemplo, a interpretação e compreensão. No caso de Orlandi, a escritora

classifica que na interpretação, somos pegos pelas evidências já construídas, ao sabor das quais nos relacionamos com nossa realidade, imaginária. Por outro lado, na compreensão, não ficamos nos produtos, mas conhecemos os processos de produção, a historicidade em sua materialidade contraditória, concreta, que atingimos analisando a materialidade discursiva.

Percebemos, portanto, fatos sobre a história do nosso objeto de pesquisa. Amanda Gurgel, desde a graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sempre esteve em paralelo com um sujeito sindicalista. A professora do ensino médio da rede pública potiguar esteve durante o processo de graduação na luta em defesa dos direitos acadêmicos. Ela foi por várias vezes membro do Diretório Central dos Estudantes, órgão que visa defender os direitos e buscar melhorias para a categoria. Em 2012, Amanda se candidatou para o cargo de vereadora da cidade de Natal, capital norte-rio-grandense, e foi eleita com um recorde de votos, foram mais de 32 mil votos.

Enquanto professora, Amanda se viu, como o restante dos profissionais da categoria, a se desdobrar para conseguir manter a casa e sustentar a filha. Isso porque, como a própria professora diz no vídeo, o salário é de apenas 930 para cada horário e para multiplicar o educador tem que trabalhar durante a manhã, a tarde e também durante a noite. Isso sem falar sobre os percalços até a chegada às unidades escolares. Amanda fala sobre o transporte, com ônibus de péssima qualidade.

Hoje, no Brasil, não é difícil notar que a educação nunca foi prioridade. Que os professores nunca foram prioridades. No vídeo, mesmo, vemos a situação dos professores potiguar, o que também não é muito diferente pelo restante do país. Em Mato Grosso, por exemplo, os professores da rede pública estadual de ensino ficaram em greve durante mais de 70 dias. Nessa situação, sofre o próprio professor, o aluno, sofre ainda a família tanto do educador como do educando. O governo, daí eu digo nível municipal, estadual e federal, não dá o verdadeiro valor de que a educação deveria ter.

Além disso, ensinar hoje em dia não é uma tarefa muito fácil. Em estudos realizados no segundo semestre de 2010 promovido pela comunidade Internacional

de Cooperação na Educação em parceria com o Instituto INADE apontaram que enquanto a realidade social, econômica e cultural altera-se em ritmo acelerado, a Escola (quando digo Escola com o 'E' maiúsculo quero dizer como a entidade de ensino, isto é, um local onde se ensina, se alfabetiza) continua, muitas vezes, ancorada na antiga função de transmissão de informações e conhecimentos.

Alguns desafios que mostram a desvalorização da educação no país são apontados por Joedson Brito dos Santos. Segundo o autor, os principais problemas são

[...] a escolarização e muitos programas de formação de professores sofrem com a precariedade e pouca qualidade; muitos alunos têm baixos resultados nas avaliações de desempenho e de aprendizagem; e, muitos que concluem o ensino básico, além de não conseguirem entrar na universidade, também, carregam déficits elementares de aprendizagem; [...] crescimento dos casos de indisciplina e violência escolar e além desses, a fragilidade e/ou baixa capacidade técnica, desconhecimento e/ou falta de vontade política, de órgão de fiscalização e gestão educacional, em relação a existência, implementação, ou operacionalização de várias programas e propostas de políticas educativas, existentes. (SANTOS, 2003).

Estes, e tantos outros problemas distorcem uma possível evolução do país no quesito intelectual. Em suma, o professor tem, sim, razão de uma luta por melhorias na educação e, conseqüentemente, na questão salarial. É na/pela história que os sentidos para as preleções de Amanda se inscrevem. Tudo o que ela profere na tribuna são já-ditos acerca da educação e que irá significar novamente pela formulação da professora.

3 CAPÍTULO III

3.1 SUJEITOS PROFESSOR E SINDICALISTA: um deslizamento

Neste capítulo, tomamos então para análise nossa materialidade discursiva que se constitui por um vídeo de uma audiência pública realizada em 2010 na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, que tinha como finalidade discutir sobre a situação da educação no estado e as possíveis soluções, surge então o nosso objeto de análise: a preleção da professora Amanda Gurgel.

Para tanto precisamos, primeiro, destacar como é essa ‘constituição dos sujeitos’. Para isto, voltamos a Orlandi (2001) que afirma que na constituição do sujeito a Análise do Discurso pensa em um ser social, heterogêneo, contraditório consigo e com o seu dizer. Seu discurso é formado por outros discursos ou Formações Discursivas.

Dessa forma, vale ressaltar que o sujeito, como já disse mais acima, toma para si um discurso já proferido, isto é, ele se apropria do já-dito e só aí reformula e formula seu discurso. É importante lembrar que esta ação acontece de forma espontânea e sem que o sujeito perceba. É algo inconsciente.

Daí lembramos que o sujeito que já tem uma formação discursiva é tomado pela ideologia. Orlandi (2001, p. 46) afirma que “[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.” Isto é, através da ideologia somos constituídos em sujeitos.

Desse modo, o sujeito professor, por exemplo, é constituído por uma ideologia e também por uma formação discursiva que é constitutiva da sua formação, da sua história. As categorias organizadas para lutar pelos seus direitos, de forma organizada e pacífica, com seus devidos representantes, legais ou não, podem ser consideradas sindicalizadas. Porém, na atualidade para que se efetue um sindicato devidamente respeitado, ele deve ser legalizado, com suas devidas regularizações e atos dentro da Lei. No desenvolvimento do sindicalismo no país a legalização

tornou-se de grande importância, isto é, na estrutura sindical brasileira há um elemento essencial que é a necessidade do reconhecimento 'oficial-legal' do sindicato pelos órgãos públicos e privados. Isto vale tanto para a esfera municipal, estadual e federal.

No sindicalismo em geral, e falo principalmente pensando no Brasil, os discursos têm características parecidas, como por exemplo, é comum ver nos dizeres frases como "o trabalhador unido jamais será vencido", "não ao plano econômico do Governo", "melhores condições de trabalho já", "salário digno já", "a luta continua", "só estamos reivindicando nossos direitos", "Não dá mais!".

Essas frases são usadas para dar ainda maior entonação nas cobranças pela classe trabalhista. Daí, observamos que esses termos vêm sendo utilizados há anos, praticamente, da mesma forma, e no mesmo estilo. O sindicalismo visa a união de forças, isto é, pessoas, para a luta por um mesmo objetivo. Por exemplo: no caso Sindicato dos profissionais da educação, a entidade luta pelos direitos dos professores, isto é, eles cobram valorização, reajustes salariais, melhores condições de trabalho, e assim por diante.

Orlandi coloca um ponto em questão em seus estudos. Ela afirma que a "Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo" (2001, p.15 e 16). Dessa forma, observamos que a AD toma a língua como algo material. Aqui é importante destacarmos que a materialidade apontada por Orlandi, além de ser trabalhada não é mera passagem de informação, daí vale lembrar que sujeitos e sentidos são afetados pela história e fazem significar na materialidade da língua.

Vale ressaltar que nesse sistema de informações prevalece a constituição do sujeito. Aqui se torna interessante dizermos que o sujeito para a análise do discurso, não é simplesmente uma pessoa, quiçá apenas um ser, ou ainda algo que detém o discurso. O sujeito para a AD é um ser social e heterogêneo.

Porém, como afirma Orlandi (2001, p. 52) é necessário atentarmos para a condição da linguagem, que segundo a autora, é a incompletude.

"Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do

entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.”

E pensando nessa incompletude dos sujeitos que perceberemos, com mais ápice nossa análise. Isto é, temos em nossa materialidade uma professora, com suas características e reivindicações por melhorias. Isto é um acontecimento. O sujeito-professor, além da educação que oferece, quer condições para que isto aconteça. Este sujeito, constituído de professor, será sempre professor, devido às suas condições de produção que o fizeram professor, porém o sujeito, assim como a língua não é estático. Ele é, sobretudo para a Análise de Discurso, posição. A posição que o sujeito ocupa faz significar o seu dizer.

Este personagem do real, assim, está ligado aos acontecimentos e, por consequência, às transformações do universo em que vive. Nem sujeitos, e muito menos os sentidos estão completos, como afirma Orlandi, e é assim que percebemos a possibilidade de mudança, de deslizamento, de transformação.

Por outro lado, Eni Orlandi (2001) diz sobre as mudanças de sujeitos. Segundo ela

“[...] não é porque o processo de significação é aberto que não seria regido, administrado. Ao contrário, é pela sua abertura que ele também está sujeito à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização. Esta é ainda uma maneira de referir a linguagem aos limites moventes e tensos entre a paráfrase e a polissemia.”

É quando percebemos essa cristalização que notamos a transparência e facilidade em observarmos e analisarmos o discurso do sujeito. No caso do nosso objeto de análise, percebermos o deslizamento, o movimento. Há tanto a paráfrase como a polissemia, isto é, paráfrase porque em um dos deslizamentos, o sujeito-sindicalista, retoma de sua memória os traços de lutas sindicais. E ao mesmo tempo a polissemia, porque há, exatamente, o movimento, o deslizamento, a mudança.

Vale ressaltar que é só a partir das preleções, isto é, do momento que a professora vai se pronunciar que percebemos este deslizamento de sujeitos. Amanda se levanta, e se direciona para a tribuna onde vai falar. Neste curtíssimo espaço de tempo a docente sai da plateia e vai fazer suas preleções e, a partir daí,

se configura um outro sujeito, tudo de forma inconsciente.

Ao imaginarmos que uma professora vai falar, por um já dado dos sentidos, pensamos logo que ela vai falar sobre a educação, que ela vai ensinar alguma coisa, ou ainda que ela explique algo. Mas não é o que acontece com Amanda. A docente fala única e exclusivamente para os políticos. É justamente para eles que ela cobra melhorias e expõe a situação da educação.

“[...] a secretária disse ainda que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, que precisamos pensar em longo prazo. Mas a minha necessidade de alimentação é imediata. A minha necessidade de transporte é imediata. A necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata. [...]”. *(trecho do vídeo)*

De fato, temos que concordar que ela fala, sim, da educação, mas de outra maneira. Isto se dá no acontecimento discursivo. Ela faz significar a educação não a partir das condições de produção de sujeito professor, que pelo já dado dos sentidos e pela história se constitui enquanto sábio, enquanto ser pensante, detentor do conhecimento. Quando ela enuncia, no intradiscurso a posição sujeito que se marca é a de sindicalista. Ali, naquele local, Amanda está representando toda uma classe, reivindicando melhorias, aumentos salariais e expondo a situação da educação no Rio Grande do Norte.

Só notamos que a professora é uma sindicalista, que ela luta por alguma razão que pensa ser de direito da categoria quando ela fala, quando ela discursa, quando ela diz. Daí percebemos, que nesse momento temos um deslizamento do sujeito professora que se marca em sua condição de produção, para o sujeito sindicalista. Em um trecho do vídeo fica nítido a posição sujeito-sindicalista de Amanda. O trecho fica no final da gravação em que a sindicalista tem a seguinte preleção:

“[...] são muitas questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto, e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado. Em nome dos meus colegas que pegam três ônibus para chegar no seu local de trabalho [...]” *(trecho do vídeo)*

Reivindicar em favor de um coletivo/de uma classe: “em nome dos meus colegas” é muito usado por sindicalistas quando estão, realmente, falando em nome de alguém. No caso, em nome de toda uma categoria de profissionais da educação

que estão, ali, representados por Amanda.

Percebemos o deslizamento do sujeito-professor para o sujeito-sindicalista, como afirma Guimarães (2002), porque essa relação entre interlocutores e alocutários “é um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso.” (p. 70). Isto é, a preleção da professora vem através de um já dado da linguagem, de um discurso já conhecido e que se reformula em cobranças e reivindicações. “É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento”. (p. 70).

Este acontecimento foi o fato de a professora ir à audiência e, representando uma categoria, subir para a tribuna e discursar. O acontecimento de linguagem é quando ela, realmente, começa a falar ali na audiência. Assim observamos outro ponto: o sujeito se constitui através da linguagem, mas também o espaço determina seu dizer. Por exemplo, Amanda no espaço escolar é professora; no espaço de casa é mãe; se pensarmos hoje, no espaço da câmara ela é vereadora; e naquele espaço, naquela audiência, naquele momento e espaço Amanda era sindicalista.

É importante que tenhamos em mente o que afirma Orlandi, que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2001, p. 39). Pensamos, dessa forma, na imagem que os outros profissionais da educação têm dela quando começa a discursar. Dessa forma, está em jogo o lugar que o sujeito toma quando vai efetuar seu discurso, ou seja, a posição assumida nas afirmações do sujeito-professora-sindicalista que, a partir de seu lugar discursivo fala representando uma classe e, ao mesmo tempo, expondo as mazelas da educação e o sofrimento enquanto professora.

Em alguns trechos da preleção de Amanda fica claro a direção das palavras discursadas. Neste exerto, por exemplo, professora-sindicalista direciona exclusivamente as palavras para um determinado grupo. Através dos registros simbólicos, ou seja, por meio da linguagem e a preleção do sujeito-sindicalista é que notamos a relação entre os sujeitos. Em paralelo a esta manifestação da linguagem percebemos o efeito de sentido entre os interlocutores, no caso sujeito-sindicalista x sujeito-político.

“[...] eu gostaria de fazer uma pergunta para todos e todas que estão aqui sem nível superior com especialização, mas, também

respondam só se não ficarem constrangidos. Se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vida que vocês mantêm com esse salário. Certamente este salário não é suficiente nem para manter a endumentária que o senhores e as senhoras usam para frequentar esse lugar aqui.” (trecho do vídeo)

Os sentidos produzidos pela preleção de Amanda Gurgel faz funcionar o que já mostramos em outros capítulos a respeito de uma formação discursiva e de uma memória. A docente usa um discurso já dito que compreende um novo sentido que se significa naquele acontecimento. E é este acontecimento discursivo que marca o deslizamento dos sujeitos.

É, portanto, através do acontecimento discursivo que percebemos o deslizamento dos sujeitos. E é através da enunciação que podemos, que focamos o nosso trabalhar e chegamos a esta conclusão. É importante lembrar: o discurso é um efeito de sentidos entre interlocutores. É na formulação/intradiscurso de Amanda, que percebemos o deslizamento do sujeito, isto é, os sujeitos mudam de posição a partir de um acontecimento discursivo.

4 CAPÍTULO IV

4.1 CONCLUSÃO

Pela análise, percebemos que a constituição dos sujeitos se marca efetivamente na formulação, pois é no intradiscurso que se materializa o interdiscurso e que, sobretudo, nos constituímos em posições sujeito. No caso do nosso objeto de pesquisa o sujeito-professora, objeto das condições de produção, desliza no discurso para o de sujeito-sindicalista. Esse sujeito-sindicalista se materializa pela história na constituição deste sujeito conforme foi especificado no nosso segundo capítulo.

É importante lembrarmos que o deslizamento de sujeitos acontece de forma inconsciente. Portanto sem que a docente perceba a mudança. Dessa forma, neste caso, o sujeito é marcado exclusivamente no/pelo discurso. E é através dele que percebemos a mudança, o deslizamento dos sujeitos. Comprovando o que propõe a Análise de Discurso, que o sujeito é fundamentalmente posição.

5 REFERÊNCIA

BRITO, Luiz André Neves de. (Re) Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva? EUTOMIA: Revista de Literatura e Linguística. 2012.

FISTAROL, Roselei; SCHONS, C. R. A Constituição do sujeito-aluno: representações de língua em textos de 6ª série. *Linguagem* (São Paulo), v. 17, p. 1-14, 2011.

FARIA, Daiana Oliveira. ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Análise do Discurso Francesa: revisitação epistemológica e questões centrais. *Linguagem* (São Paulo), v. 18, p. 01-11, 2012.

GUIMARÃES, E. Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

MARTINS, Rogério. Entre o rural e o ambiental: uma análise discursiva do zoneamento em Mato Grosso. / Rogério Martins. Cáceres/MT: UNEMAT, 2012. 106f.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Terra à vista, discurso e confronto: velho e novo inundo. São Paulo: Cortez, 1990, 260 págs.

_____. Discurso e texto: Formulações e circulações dos sentidos. Campinas-SP: Pontes 2008.

_____. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.

Petrópolis: Vozes, 1996. MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. Sobre a Análise do Discurso. Revista de Psicologia da UNESP, Ourinhos – São Paulo, 2005.

PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.

_____. Ouverture Du colloque In: conein, B.et AL. Materialites dicursives
Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981, p.15-18.

_____. Papel da Memória. Campinas: Pontes, 1999.

SANTOS, Joedson Brito dos. Avanços e desafios da Educação Brasileira na atualidade: uma reflexão a partir das Contribuições de Hannoun e a Educação Infantil como aposta Enactante. In: XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, 2013, Recife/PE. Cadernos ANPAE, 2013. Disponível em: < <http://www.anpae.org.br/simposio26/comunicacoesGJ.html>>.

Acesso em 19 de Junho de 2014
<<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>>